



Leonardo Palhano Cabreira ¹

Compartilhando pincéis, tintas e histórias: Mutirão de graffiti no Colégio Ildo Meneghetti

Resumo: A presente narrativa fotográfica mobiliza elementos da prática do graffiti a partir de um mutirão de pinturas que aconteceu em 2018, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS. No graffiti, jovens artistas consolidam suas redes de sociabilidade e laços de pertencimento, apontando para a potência de uma prática que explode por todo o cenário da urbe.

Palavras-chave: Graffiti, Sociabilidade, Etnografia, Imagem.

Sharing brushes, paints and stories: Graffiti effort at Colégio Ildo Meneghetti

Abstract: The present photographic narrative mobilizes elements of the practice of graffiti from a collective effort of paintings that took place in 2018, at Restinga neighborhood, Porto Alegre city, Brazil. In graffiti, young artists consolidate their networks of sociability and bonds of belonging, pointing to the power of a practice that explodes throughout the city's scenery.

Key words: Graffiti, Sociability, Ethnography, Image.

1 - Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS)
leo.csociais@outlook.com
<http://lattes.cnpq.br/7507299070949143>
<https://orcid.org/0000-0001-9095-9896>

Fotografar eventos de graffiti é como navegar num mar de estórias. Desde aquele primeiro papo para galgar um lugar no muro, de ajeitar os sprays, os pincéis, de limpar os caps, passando pelo lanche com a rapaziada, e pela resenha característica enquanto se espera a tinta secar, somos bombardeados pelos mais variados contos, causos e estórias do fazer graffiti. Com a câmera na mão, ficamos buscando captar cada momento, cada pintura, mas muitas vezes esquecemos que o essencial é invisível aos olhos, para bem citar Saint-Exupéry na atemporal obra *O pequeno príncipe*.

Lembro-me bem daquela manhã ensolarada de dezembro em Porto Alegre, no bairro Restinga, extremo-sul da cidade, onde um mutirão de graffiti se formou para dar novas cores ao muro do Colégio Ildo Meneghetti. Havia sido avisado por Riko¹ na semana anterior sobre o evento, que mobilizou pelo menos 10 jovens escritores de graffiti² de toda a região metropolitana. Eventos como este costumam ocorrer sem uma periodicidade pré-definida, mas sempre que aparece uma oportunidade, os artistas “marcam presença” e apoiam, aportando para uma rede de solidariedade mútua.

Acompanhei toda a movimentação do início da manhã ao final da tarde naquele sábado. Buscando sempre eternizar as pinturas com meu equipamento, voltei meu olhar aos muros. Carma do jovem pesquisador que ainda tem pouco tino para fotografia e mesmo para o trabalho de campo. Ao passo que minha lente estava voltada pra frente, meu ouvido estava voltado para o lado, onde a troca de experiências entre estes jovens artistas se dava por meio de piadas, de contos, de lorotas ou mesmo de opiniões sobre a pintura — eu estava sendo afetado de outras formas (ECKERT; ROCHA, 2013; FAVRETT-SADA, 2005).

Dando alguns passos atrás, sinto que é necessário estabelecer certa contextualização temática, a fim de privilegiar o leitor desavisado do assunto. O graffiti é uma prática urbana de apropriação dos espaços, e costumeiramente é associado com o conceito de transgressão, e não raras as vezes caracterizado também como uma prática de subculturas, que, para seguir o clássico argumento de Dick Hebdige (2004),

se refere a uma direta contraposição de núcleos de sociabilidades formados por jovens frente a alguma dimensão do social.

Seguir esta linha de pensamento nos leva a conjecturar que esta intrincada posição, ocupada pelos escritores de graffiti, é justamente o que os diferencia e é a partir delas que estes sujeitos constroem suas identidades — para Campos (2009, p. 145), a prática do graffiti representa, a estes jovens, justamente um horizonte de ruptura e transgressão, um território de rejeição da lei e das normas hegemônicas onde se experimentam o risco e o desvio, a excitação e as sanções das mais diversas ordens.

Neste ensaio, todavia, gostaria de chamar atenção menos para esta importante esfera da transgressão, ou mesmo para a produção visual propriamente dita, mas sim para a potencialidade da sociabilização num evento como este. E por sociabilidade eu levo em conta o que a bibliografia socioantropológica sugere como primordial desde Simmel (2006), da interação entre atores sociais que criam relações de interdependência e estabelecem interações sociais de reciprocidade. Pintar o muro, aplicar técnicas, esperar secar, retocar, contornar, passar o branco e começar de novo. Tudo isso está no script, mas aquilo que também está, e nem sempre aparece nos relatos e nas representações visuais, é o informal do contato, da resenha, da pintura coletiva, da troca de experiências em si. Me parece que este é o momento onde a sociabilidade é clamada, onde estes sujeitos potencializam o pertencimento, onde os saberes “são acumulados e circulam nas redes de sociabilidade por meio de memórias, histórias e de vivências compartilhadas”, como bem ressalta Leal (2017).

Com a narrativa visual, assim, busco privilegiar novos olhares para uma prática que costumeiramente tende a ser analisada, mesmo por nós, cientistas sociais, naquelas “velhas caixinhas” de sempre. Mesmo para o jovem pesquisador que ali fotografava em busca de “imagens impactantes” das obras, aspectos de uma sociabilidade latente teimavam em aparecer nos registros. Enviar nosso olhar para a troca, para o contato e para a sociabilidade pode nos ajudar a lançar luzes em nosso entendimento sobre as pessoas, sobre o graffiti, sobre as práticas urbanas, e, por fim, sobre as nossas próprias cidades.

1 - Rikardo Dias, escritor de graffiti, professor e artista visual.

2 - Como gostam de ser chamados, tradução direta do graffiti writer.



Referências

CAMPOS, Ricardo. "Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti". In: Etnográfica [Online], vol. 13 (1) | 2009.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavíslua, 2013.

HEBDIGE, Dick. Subcultura: el significado del estilo. Barcelona: Paidós, 2004.

LEAL, Gabriela. "Graffiti para além dos muros: Usos da rua e práticas de enfrentamento da cidade", In: Enfoques, Vol. 16, no 1, pp. 32–44, 2017.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.









